

Vida e ação em Nietzsche e Epicuro

Markus Figueira da Silva

Friedrich Nietzsche viveu no final do séc. XIX, mas o seu pensamento tem suas raízes fincadas na filosofia grega, sobretudo nos pensadores pré-socráticos. E é a partir desta referência que ele interpreta a história da filosofia. As noções de vida e de ação são tematizadas por Nietzsche e tecem a exposição de um certo exercício ético da filosofia. É na prática de ações e reflexões que a vida se faz. É neste sentido que vislumbramos uma aproximação entre Nietzsche e Epicuro – filósofo grego do final do séc. IV a.c. Em Epicuro as noções de vida e ação são também tematizadas na definição da Filosofia como exercício de vida, como uma prática de vida, ou ainda, como ética. Assim, tanto Epicuro quanto Nietzsche vão compreender a “vida” como algo que está sempre se fazendo e sempre por fazer. A vida não é pensada como algo pronto, definido, acabado. A vida pensada de uma perspectiva ética envolve a problematização da noção de ação (*pragma*) e de “valor” inerente a ação. A ação aqui tem o sentido plantado nela mesma e não se pode concebê-la como tendo o sentido posto pra fora dela. Assim a vida, que é um conjunto de ações e deliberações, se resolve nela mesma, não tendo necessidade de se postular um além-vida, como o sentido da vida. Trata-se aqui de uma ética que não leva em conta o além-mundo. Uma ética que prescindia de representações fantasiosas, de crenças vãs, de valores que desprezem a vida tendo em vista uma projeção imaginária que ponha o sentido da vida voltado para o além-vida.

Os povos tradicionalmente criaram suas religiões e em muitas delas cultiva-se a crença no além, seja como além-vida, seja como além-mundo. As crenças se revestem de valores projetados a partir de ‘causas imaginárias’. Em Epicuro encontramos uma crítica que aponta a religião como construtora dessas “causas imaginárias”, fruto da ausência de *physiologia*, ou seja, de uma investigação da *phýsis* (da natureza ou realidade). Em Nietzsche dar-se-á o mesmo

caso. Tais pensadores buscaram uma genealogia dos valores oriundos de crenças e superstições, procurando contrapor a tais crenças fundadas em ‘causas imaginárias’, a compreensão da natureza. Mas qual a origem dessas crenças para Nietzsche?

“Da origem das religiões – A necessidade metafísica não é a origem das religiões conforme o pretendia Shopenhauer; é apenas o rebento dessas religiões. Sob o império das idéias religiosas adquiriu-se o hábito de representar-se um “outro mundo” (um “pós-mundo”, um “supermundo” ou um “submundo”) e a destruição das ilusões religiosas vos deixa a impressão de um vazio inquietante e de uma privação. Então renasce desse sentimento “um outro mundo”, mas longe de ser um mundo religioso, apenas um mundo metafísico. O que levou nos tempos primitivos à admissão de um “outro mundo” não foi um instinto e uma necessidade, mas um erro de interpretação de certos fenômenos da natureza, uma turbação da inteligência”. (Nietzsche – A Gaia Ciência, par. 151, p. 147)

E quanto à interpretação desses fenômenos da natureza, Epicuro adverte:

“Não pode afastar o temor que importa para aquilo que damos maior importância quem não saiba qual é a natureza do universo e tenha a preocupação das fábulas míticas. Por isso não se podem gozar prazeres puros sem a compreensão da natureza”. (Epicuro – Doutrinas e Máximas, par. 5, p. 13). E ainda:

“Não se deve acreditar que haja outra finalidade no conhecimento dos fenômenos celestes, senão a serenidade da alma (ataraxia)”. (Epicuro – Carta a Phytocles).

Pode-se interpretar o aforismo de Nietzsche e os fragmentos de Epicuro como respostas acerca da gênese das religiões e dos sentimentos religiosos. Importa sobretudo mostrar que o que desejam os dois pensadores é evidenciar o caráter “inventivo” e fantasioso das crenças, mitos e “religiões”. Epicuro toma de Demócrito indicativas para pensar as crenças religiosas. Exemplo disso é a compreensão democrítea de que o temor do homem ante os fenômenos celestes,

tremendos por sua grandeza espetacular e por sua incompreensibilidade, seria a origem da religião. Assim Epicuro afirmava ser conveniente explicar os fenômenos e fundamentar a natureza deles, evitando desta maneira o fantástico e o sobrenatural – que são formas de representação de uma certa noção de divindade – e são efeitos de vãs opiniões construídas para preencher a ignorância dos homens a respeito da natureza. Nietzsche também chamou de “erro de interpretação” de “certos fenômenos da natureza” a causa do surgimento de uma religião sabedora de tudo, porque a tudo encobre.

Há de ambos os lados um nítido interesse em mostrar o homem como acontecimento da natureza, como um modo de ser da natureza, e, neste sentido, mostrar a real dimensão do homem face a natureza infinita:

“Recorda-te de que ainda que sejas de natureza mortal e com limite finito de vida, te debruças, mediante a investigação da natureza, no que é infinito e eterno, e contemplas o que é agora, será e sempre foi o tempo transcorrido”. (Epicuro – Máximas e Sentenças Físicas – par. 43, p. 20).

Percebe-se aqui um ensejo maior de recusar a projeção para o “além”, para fora, pois apresentam tal projeção como um equívoco, que longe de representar a realização da filosofia, apresenta-se como degenerescência, como fraqueza. Tal equívoco, teve seu momento de aparição. Entretanto, antes disso, o pensamento pré-socrático, enquanto manifestação primordial da filosofia, teve a profundidade como possibilidade de dar-se vida. A moral inventada por um pensamento sistematizador de regras, ao contrário do que é eminentemente filosófico, construiu um esquematismo que teve na maioria de suas elaborações, a meta posta para fora. Para onde? – pergunta-se. Para a possibilidade de, através do recurso a uma fábula, orientar um pensamento que é “contra a vida”, que é somente vontade de asseguramento. Asseguramento de quê? – De uma representação fantasiosa da realidade, com objetivos bem determinados.

Vê-se claramente o interesse em inventar uma representação do “fim”, do *telos*, do castigo e da expiação, que são efeitos de uma moral determinista e sistematizante, de um comportamento despoticado, ressentido e submisso do homem culposo, “corretor” da vida, vesgueador do olhar.

Nietzsche apresenta a “História de um erro” com um enredo que desfila acontecimentos de profunda significação para o entendimento do modo de representação filosófica ocidental; o que significa dizer: modo de invenção de uma “metafísica”. Ele busca fazer gênese deste “erro” (Crepúsculo dos Ídolos).

Contudo, muito antes do surgimento de algumas tentativas de “sedimentar” o pensamento, Epicuro pensou a vida não como uma mazela, mas como potência, como “vontade de potência”. Buscou fazer com que se cumprisse a vida segundo a natureza, concebendo o devir, o acaso, o infinito, não como instituições sagradas; mas como expressões de vida, que nasce a todo instante, que é emergência, aparição, realização de ser. E que buscou sobretudo pensar a realidade de um ponto de vista anterior ao caso da filosofia, anterior mesmo a proliferação das receitas para uma vida decadente.

Nietzsche parece estar de acordo com o que procuramos recuperar do pensamento de Epicuro, principalmente no que toca a sua relação enquanto homem pensador com a natureza...

“...Sim, estou orgulhoso ao sentir o caráter de Epicuro como ninguém talvez o sente e apreciar em tudo que aprendo a seu respeito, em tudo o que leio dele, a felicidade de uma tarde da antigüidade; ... vejo seu olhar errando por vastos mares esbranquiçados, por falérias onde repousa o sol, enquanto animais de todos os portes vêm brincar à sua luz, tranqüilos e calmos como essa luz e esse olhar...” (Nietzsche – A Gaia Ciência – par. 45, p. 72)

O que provoca o elogio que Nietzsche faz ao modo de vida epicúreo são os motivos pelos quais Epicuro elabora o sentido ético do seu pensamento. Em primeiro lugar, a *physiología*, que neste contexto pode ser compreendida como uma ontologia, e que é o fundamento do modo de ser do sábio, pois possibilita a reflexão livre de crenças e temores. Em segundo lugar, o desprezo que Epicuro mostra com relação à crença num determinado modo de se fazer política, e à crença nos valores expressos no conteúdo moral das religiões. Aquilo mesmo que Nietzsche repudiará e considerará como “valores de decadência”.

Lemos nos textos de Epicuro:

“O sábio não participará da vida pública se não sobreviver causa para tal... vive obscuro...” (Epicuro – Doutrinas e Máximas Éticas, par. 26 e 27).

“Deus, ou não quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer e nem pode. Se quer e não pode, é impotente, o que é impossível em Deus, Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Porque é que não os impede?...” (Op cit par. 46).

Epicuro contrapôs às ordens políticas e religiosas a compreensão da natureza como caminho para o entendimento da própria condição humana, ou do que é próprio ao homem. Perguntar pela natureza humana supõe a análise do *ethos*, o que quer dizer, análise crítica da moral resultante dessas ordens políticas e religiosas. Epicuro busca fazer isto quando se projeta num “contra-movimento” próprio da filosofia, cuja característica é a exposição da realidade. Esse “contra-movimento” é um retorno ao limiar da compreensão da *phýsis*, que parece ter sido “esquecido”. Tal esquecimento traduz a maneira como a vida passa a ser sistematizada, de como o “sistema corretor” torna a vida como algo dado, pronto, seguro. Contrariamente a isto, há em Epicuro uma retomada da tentativa de pensar uma ética fundamentada na compreensão da natureza.

Pensar uma ética que se dê em consonância com a *phýsis*, supõe o desenvolvimento da noção de *páthos*, de afecção. Este *páthos* é, tanto para Epicuro como para Nietzsche, necessidade. É “força natural”, é “experiência”. É o aparecer da força através da ação, por isto é ético. A natureza humana é múltipla e diferenciada e, assim sendo, é expressão dos diversos modos de ser a natureza infinita. A reflexão ética é a busca do dimensionamento do homem no lugar que precisa ser. Esta é a característica de ser filosofia, isto é, de ser criação, de estar em sintonia (sincronia) com a *phýsis*. Vem daí a compreensão de *éthos* indissociada da de *phýsis*. *Éthos* é o comportamento humano se realizando como expressão da natureza,

como cumprimento do que é naturalmente necessário. O modo de ser do homem é ação: e ação é força: força originária e física; ou seja: disposição para a vida.

A compreensão da vida e da ação tanto em Epicuro quanto em Nietzsche, requer uma crítica a todo e qualquer pensamento que tenha colocado o sentido da ação para fora da ação.

Ou ainda, o exercício ético da filosofia é para os dois pensadores a possibilidade de estar sempre tecendo a vida, isto é, de não tornar jamais a vida como algo pronto, determinado. Isto significa que “crer” nos valores decadentes é querer assegurar-se de tudo o que parece pronto, sem ousar problematizar, pois eles ignoram a problematização, que é o modo próprio de se fazer filosofia e que caracteriza o modo de ser do filósofo. Em Nietzsche vida é vontade de poder e eterno retorno. A filosofia, enquanto exercício ético é expressão estética da existência. Tornar a vida uma obra de arte é viver a todo instante exercendo o poder que é próprio da sua natureza. Em Epicuro a filosofia também traduz uma estética da existência, na medida em que ele a define como “um saber para a vida”, isto é, um saber que se faz a todo instante como prática ou modo de ser. Um ser que cria valores é aquele que supera o esquematismo e a coisificação/petrificação da realidade. A filosofia é o exercício constante de realização da vida a partir da substituição das ‘causas imaginárias’ pela compreensão da natureza/realidade. A vida é na confluência das idéias desses dois pensadores, autárquica, isto é, criadora de valores, que na expressão dos gregos antigos é (*katá phýsín*), ou, ‘de acordo com a natureza’.

Referências

LAÉRTIOS, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Ed. UNB. Brasília: 1986.

NIETZSCHE, W. F. *Crepúsculo dos Ídolos*. Ed. Hemus. São Paulo: 1984.

_____. *La Gaya Ciencia*. Ed. José J. de Olañeta. Barcelona: 1984.

